



CAPÍTULO 2

“Em tudo há partes de tudo” ou “O equilíbrio está entre forças opostas?”: simpatia e antipatia nos paradigmas de saúde e doença no século V a.C. e no século XVIII

Gessica de Brito Bueno

Rodrigo Perles Dantas

RESUMO: Este capítulo de livro tem como objetivo analisar o conceito de simpatia e antipatia, sua presença na Teoria Humoral hipocrático-galênica e sua permanência nos processos terapêuticos até o século XVIII. Trata-se de uma pesquisa de natureza descritiva e explicativa, com metodologia bibliográfica, baseada em obras médicas e filosóficas clássicas e modernas. O estudo explora como a interdependência entre as partes do corpo, mediada pelos humores, foi interpretada à luz das forças de atração e repulsão. Além disso, examina a forma como esses conceitos fundamentaram práticas diagnósticas e terapêuticas por séculos. Observa-se que, mesmo durante a Era Moderna, a lógica da simpatia e antipatia não desapareceu. No século XVIII, médicos e cirurgiões ainda recorriam a essas ideias para explicar doenças e tratamentos. Exemplos notáveis dessa continuidade são Franz Mesmer, com sua teoria do magnetismo animal, e Luís Gomes Ferreira, com sua crença nas virtudes ocultas. Assim, o artigo conclui que tradições antigas foram reinterpretadas e misturadas a novas tentativas de compreender o processo de saúde e doença.

Palavras-chave: Simpatia-antipatia; Medicina; Antiguidade; Século XVIII.

INTRODUÇÃO

Apresentar um recorte da trajetória da história da medicina ocidental nos ajuda a destacar suas transformações ao longo do tempo e sua relação com contextos culturais e sociais. No caso, os conceitos de simpatia e antipatia, bem como a Teoria Humoral hipocrático-galênico fizeram parte de aforismos gregos, na Antiguidade. Seu sistema teórico partia de uma visão holística que entendia o homem como ser dotado de *corpo* e *espírito*. Essa percepção não se alterou muito durante a Idade

Média, o pensamento ocidental e oriental continuou fundamentado nas teorias clássicas, onde Hipócrates (460 a.C 377 a.C.) e Galeno (129–c. 200 d.C.) eram os mestres deste paradigma (Costa, et al, 2022, In: Accorsi, et al, p. 30).

Os conceitos de simpatia e antipatia ainda estavam presentes nas práticas terapêuticas no século XVIII, mesmo após inúmeros avanços e descobertas anatômicas realizadas, por exemplo, por Andreas Vesalius (1514-1564) durante o século XVI. Ainda após a publicação da obra *De humani corporis fabrica* (1543), uma obra que incluiu aspectos significativos da anatomia humana, com mais de 300 ilustrações, Vesalius, embora tenha apontado inúmeros erros cometidos por Galeno, acabou por reforçar ainda mais a Teoria dos Humores. Suas contribuições, na verdade, tiveram o efeito de aprimorar a teoria. Ele não rompe com a tradição, o que fica evidente na mentalidade médica registrada nas obras médicas que surgiram depois deste período (Kusukawa, 2024, p.111).

Nesse sentido, será apresentado neste capítulo o que foi o conceito de simpatia e antipatia e quem o formulou. Abordaremos a Teoria Humoral hipocrático-galênica, elucidando seus mecanismos de funcionamento e analisando os fatores que permitiram sua persistência por mais de dois milênios na tradição médica ocidental. Observa-se que o pensamento filosófico racional integrou recursos que se mantiveram ao longo do tempo, dentre os quais destaca-se o uso da *enantiose*, isto é, do princípio de oposição, na interpretação de diversos fenômenos completos. A explicação da ocorrência da saúde e da doença constituiu um dos aspectos centrais a serem compreendidos à luz dessa teoria (Garrido, 2019, p. 159). Assim, torna-se fundamental investigar essas concepções para compreender os processos históricos pelos quais as noções de saúde e doença foram construídas e transformadas ao longo do tempo.

HOMEOPATIA: O CONCEITO DE SIMPATIA NAS OBRAS DE GALENO, PARACELSO E HAHNEMANN

Há evidências de que Cláudio Galeno incorporou conceitos de simpatia e antipatia em sua prática terapêutica. Em sua obra “*De Usu Partium Corporis Humani*” (Sobre o Uso das Partes do Corpo Humano), Galeno elaborou a teoria do *consensus partium* (consenso das partes), a qual descreve a interdependência intrínseca entre os diversos órgãos do corpo humano. Essa interconexão era mediada pelo sistema nervoso e pelo *pneuma psychikon* (espírito animal), permitindo que uma afecção em um órgão pudesse influenciar outros, refletindo uma compreensão inicial das relações de simpatia e antipatia que regem a harmonia do organismo como um todo (Filho, 2022, p. 85).

Galenos foi o primeiro a empregar sistematicamente o conceito de simpatia como uma ferramenta diagnóstica. Sob essa perspectiva, a simpatia refere-se à influência exercida por diferentes partes do corpo, que podem estar implicadas, de forma simultânea ou sucessiva, no transcurso de uma doença (Siegel, 1968, pp. 361-362). Embora essa concepção esteja alinhada à tradição hipocrática, o uso que Galeno faz dela pode ser considerado um anacronismo, adotado com o intuito de fortalecer sua doutrina (Holmes 2014, p. 125, In: Jouanna, 2014).

Compreendendo que a presença do uso da *enantiose*, isto é, do princípio de oposição, esteve presente no pensamento filosófico racional, uma das unidades mais importantes é aquela formada por simpatia e antipatia. A interpretação do termo simpatia que aqui interessa refere-se principalmente à afinidade na forma de atração, influência ou semelhança entre dois ou mais elementos de um conjunto ou sistema. O uso deste termo, bem como a intuição de unidade que o sustenta, constitui uma característica intimamente ligada à concepção de natureza (*phýsis*), como um todo ordenado (*kósmos*) (Jaeger, 1990, p. 159).

O conhecido ditado “Em tudo há partes de tudo” (DK 59 [46] b 11, pág. 37), que sintetiza a ideia de pluralidade-unidade de Anaxágoras, significa que em cada coisa “todas as coisas estão juntas”, como na mistura original (DK 59 [46] b 12, pág. 37). As porções não têm apenas uma parcialidade do todo, mas contém todos os componentes que compõem o todo (Kirk-Raven, 1987, p. 512). Empédocles, assim como Heráclito, reconhece que, diante da multiplicidade das aparências, é imperativo identificar uma unidade subjacente. Os princípios que regem a mudança e o movimento não são senão as forças de simpatia e antipatia, impregnadas pelos conceitos de Amor (*φιλία*, amizade) e Discórdia (*έριξ, νεῖκος*, luta), que atuam como os princípios fundamentais de sua visão cosmológica (Kirk-Raven, 1987, pp. 408-409; 509).

Paracelso, pseudônimo de Philippus Aureolus Theophrastus Bombastus von Hohenheim, foi um médico, alquimista e filósofo renascentista que, no século XVI, defendia tratamentos baseados na lei dos semelhantes, valorizando as propriedades das drogas e evitando misturas. Sua abordagem antecipa ideias de Samuel Hahnemann, embora este nunca o tenha mencionado. Hahnemann provavelmente conhecia a obra de Paracelso, pois era um estudioso da evolução médica e traduziu muitos livros. No entanto, ele evitou associar a homeopatia a Paracelso por receio de críticas, já que Paracelso era visto como o “médico maldito” por desafiar os grandes mestres de sua época e por estar ligado ao ocultismo (Corrêa; Siqueira-Batista; Quintas, 1997, p. 348).

De acordo com a historiografia, já no século XIX, quem teria sido o criador da homeopatia foi o, então, médico alemão Christian Frederich Samuel Hahnemann. Em 1796, Hahnemann publicou o *"Ensaio sobre um novo princípio para averiguar os poderes curativos das substâncias medicinais"*, fundamentando a "lei dos semelhantes" e retomou a prática médica, marcando o início da homeopatia. Os fundamentos da medicina homeopática dele que se diferenciam da medicina alopática tradicional, mas têm raízes na tradição hipocrática, onde ainda se valorizava aspectos como alimentação, fatores ambientais, psicológicos e a energia vital (Corrêa; Siqueira-Batista; Quintas, 1997, p. 349).

ALOPATIA: O CONCEITO DE ANTIPATIA EM GALENO

Como destacado anteriormente, a simpatia e a antipatia configuram-se como um arcabouço conceitual ou um horizonte de crenças, táticas que viabilizam a compreensão e orientam determinadas intervenções terapêuticas. Embora o termo "alopatia" tenha sido cunhado posteriormente pelo médico alemão Samuel Hahnemann no século XIX, este que é mais conhecido pela homeopatia, a prática de tratar por contrários já estava presente nos escritos hipocráticos e foi sistematizada por Galeno. Hahnemann (Garrido, 2019, p. 175). É importante entender que a "cura pelos contrários" (*Contraria Contrariis Curentur*), foi consolidada por Galeno e o polímata persa Avicena (980 d.C.-1037) (Corrêa; Siqueira-Batista; Quintas, 1997, p. 347).

Para Hipócrates a *Contraria Contrariis* é chamada de lei dos contrários, em que os sintomas são tratados diretamente com medidas contrárias a eles. Já Galeno, no século II, destacou-se como o precursor de uma doutrina médica que perdurou por aproximadamente 1.500 anos. Essa abordagem fundamentava-se na teoria dos contrários, na qual as doenças e os agentes medicinais eram classificados em quatro categorias — frio, quente, úmido e seco — com o propósito de orientar a prescrição terapêutica. Dessa forma, para uma doença considerada quente, aplicava-se um tratamento frio, e vice-versa. Essa concepção de antagonismo entre forças opostas reflete influências da filosofia grega pré-socrática, especialmente do pensamento de Heráclito, que enfatizava a luta constante entre opositos como princípio fundamental da natureza, assim como Alcmeão de Crotona afirmava que a saúde era o resultado do equilíbrio que está entre forças opostas (Corrêa; Siqueira-Batista; Quintas, 1997, p. 348).

No século XVI, a medicina galênica, baseada na "cura pelos contrários", era amplamente ensinada, com uma visão mecanicista e simplista do corpo humano. Nesse período, várias epidemias afetavam a Europa, levando ao uso de técnicas terapêuticas como sanguessugas, sangrias e purgativos, muitas vezes sem fundamentos sólidos, e

alguns médicos tratavam doenças de maneira uniforme, sem distinção. Os conceitos de Hipócrates já estavam fragmentados, com os médicos seguindo principalmente a ideia dos contrários. Avicena foi bastante conceituado por seu talento como médico e como foi considerado um dos grandes difusores da obra de Galeno, suas percepções eram parecidas com as dele (Corrêa; Siqueira-Batista; Quintas, 1997, p. 348).

HOMEOPATIA E ALOPATIA NA TEORIA HUMORAL (SÉCULO V A.C.)

No *corpus hippocraticum*, cuja figura central é o físico (médico) grego Hipócrates, a compreensão das doenças encontra-se fundamentada na Teoria dos Humores, onde os desequilíbrios ou excessos de um ou mais deles constituem a origem das doenças. Nos escritos hipocráticos, a saúde resulta do equilíbrio harmonioso entre os humores — sangue, fleuma, bílis amarela e bílis negra — e o aparecimento de doenças advém de suas perturbações. Assim, certos recursos terapêuticos atuam estimulando a produção de humores deficitários ou, alternativamente, combatendo aqueles em excesso (Hipócrates, 1851, In: Carrat, et al)

Por exemplo, na abordagem hipocrática, a reposição ou estímulo de um humor deficiente não implica na redução do seu nível por meios contrários, mas sim na utilização de procedimentos que promovam sua produção, alinhando-se ao princípio da simpatia — isto é, que o semelhante seja tratado por meios semelhantes. Tal estratégia decorre do entendimento de que os elementos internos do corpo se encontram em desequilíbrio, e a restauração desse equilíbrio exige a aplicação da lógica da simpatia e da antipatia, onde ações que estimulam ou inibem a produção de humores visam restabelecer a harmonia interna (Hipócrates, 1851, In: Carrat, et al).

Historicamente, a tática terapêutica considerada alopatia, voltada para a redução de excessos, foi predominante na tradição hipocrática e galênica. No entanto, registros de obras do século XVIII revelam que alguns cirurgiões e praticantes adotaram estratégias que se assemelham à homeopatia, ou seja, a utilização de elementos que atuam de forma semelhante ao humor em deficiência, mesmo em situações de insuficiência. Tal variação indica que a aplicação dessas técnicas não foi unívoca, mas sim sujeita à interpretação e experiência do autor ou do praticante (Ferreira, 2002, pp. 382-383, In: Furtado, 2002).

Dessa forma, o sistema hipocrático-galênico evidencia uma flexibilidade interpretativa que permite tanto processos de alopatia — voltados para o controle de excessos — quanto de homeopatia — destinados a estimular humores deficientes. Ambos podem ser compreendidos ou como técnicas, táticas ou processos terapêuticos fundamentados na lógica do equilíbrio interno, revelando uma concepção de saúde e doença que é dinâmica e adaptável às particularidades de cada caso (Hipócrates, 1851, In: Carrat, et al).

Em numerosos tratados do *Cospus Hippocraticum* é possível encontrar uma concepção fundamental da *physis* humana baseada na semelhança e afinidade de seus componentes, deixando clara a relação da parte com o todo. No tratado “Sobre os Lugares no Homem”, por exemplo, é feita referência à afinidade e à conexão que existe entre todo o corpo humano e cada uma de suas partes, onde se explica que o corpo é homogêneo, formado pelos mesmos elementos distribuídos de maneira diferente. Quando uma parte pequena sofre dano, todo o corpo é afetado, pois ela possui tudo que há na maior parte. Essa transmissão ocorre porque cada parte contém os mesmos componentes e comunica sensações a outras de mesma natureza. Assim, dores e prazeres se espalham a partir do menor elemento, que possui toda a composição do corpo (Hipócrates, 2003, pp. 90-91; Littré VI, 1-2, 1962, p. 279). O conceito de *physis* humana reside na articulação permanente entre a parte e o todo. O verdadeiro médico na verdade nunca separa a parte do todo, mas sempre se concentra em suas relações de interdependência com o todo (Jaeger, 1990, p. 809).

A PERSISTÊNCIA DAS IDEIAS DE SIMPATIA E ANTIPATIA NA MEDICINA NO SÉCULO XVIII

No século XVIII, o cenário médico nas acadêmicas de Portugal, por exemplo, ainda era sustentado pelo paradigma hipocrático-galênico, que incorporava em sua doutrina tanto o tratamento por contrários (alopatia) quanto por semelhantes (homeopatia), no entendimento dos processos de cura. É importante destacar que esse modelo de entendimento também predominava em grande parte da Europa setentrional, não sendo uma particularidade exclusiva do contexto português. Essas concepções médicas refletiam a continuidade dos aforismos gregos ainda na Era Moderna, onde sua terapêutica ainda estava enraizada na tradição clássica (Ferreira, 2002, pp. 382-383, In: Furtado, 2002).

Como demonstrado anteriormente, a antítese simpatia-antipatia teve consequências decisivas para o pensamento filosófico e científico posterior. Apesar de ter caído em desuso na linguagem científica atual, em decorrência da depuração das chamadas “causas ocultas” que o modelo mecanicista promovia na ciência, sua presença ainda hoje pode ser observada em diferentes campos científicos, inclusive na própria medicina (Garrido, 2019, p. 160; Estany-Izquierdo, 1990; Jaeger, 1990, pp. 785-786).

Ao estabelecer a unidade e a ordem intrínsecas à *physis*, a medicina conseguiu superar o pensamento mágico-religioso arcaico, que via o corpo humano como uma pluralidade de elementos animados por forças distintas, e não como um sistema orgânico harmonioso e integrado. Em textos antigos, o corpo vivo era entendido como uma multiplicidade de funções anatômicas descritas com minuciosa precisão.

Foi somente a partir do século V a.C., com o desenvolvimento da fisiologia na Grécia clássica, que se consolidou a concepção do corpo como um organismo coeso, no qual suas partes constituem um todo animado (Jaeger, 1990, pp. 785-786; Estany-Izquierdo, 1990).

Indivíduos como Anaximandro, Alcmeão de Crotona, Heráclito, Empédocles, Anaxágoras, Demócrito e os pitagóricos desempenharam papéis fundamentais na formação do conceito de *physis*, interpretando-o por meio de uma antítese de atração e repulsão (simpatia-antipatia), vinculada a outras manifestações primordiais de *enantiose*. Sem a presença dessas unidades enantióticas na filosofia pré-socrática, seria impossível compreender a fundamentação e a prática da medicina hipocrática (Laín Entralgo, 1982, p. 80; Garrido, 2019, p. 161).

Alguns médicos e cirurgiões podem servir como exemplo para demonstrar a permanência do conceito de simpatia-antipatia ainda na Era Moderna. O primeiro é médico alemão Franz Mesmer (1734–1815). Mesmer desenvolveu a teoria do magnetismo animal, propondo que uma força invisível (simpatia) poderia ser manipulada para curar doenças. Ele postulava que a saúde dependia do fluxo harmonioso desse fluido magnético no corpo. Quando esse fluxo era interrompido ou bloqueado, surgiam as doenças. Para restaurar o equilíbrio, Mesmer utilizava técnicas como passes magnéticos e o uso de objetos metálicos, acreditando que poderia redistribuir o fluido e promover a cura (Bartholomew, 2022, p. 103).

Uma outra figura foi o cirurgião português Luís Gomes Ferreira (1686 †1764). O cirurgião que considerava o papel de feitiços e forças sobrenaturais na origem das doenças, refletindo a influência de simpatias e antipatias. Além disso ele estava profundamente enviesado na Teoria Humoral hipocrático-galênico (Coelho, 2002, pp. 158-159, In: Furtado, 2002).

No seu Manual de Medicina intitulado Erário Mineral, publicado em 1735, observa-se que, em determinados trechos, a administração dos medicamentos está fundamentada na crença nas virtudes ocultas atribuídas aos objetos. Tal aspecto revela-se claramente na prescrição de “pedras encontradas no ventre de algumas andorinhas ainda nos ninhos, coletadas durante o minguante da Lua”, destinadas ao tratamento dagota-coral (Ferreira, 2002, p. 434, in Furtado, 2002). Ferreira manifesta sua fé nas “virtudes ocultas” que supostamente exerciam uma influência benéfica no processo de cura. Para ele, Deus concedia qualidades específicas aos objetos, fenômeno esse que escapava à compreensão racional, mas que poderia ser entendido à luz de seu funcionamento (Coelho, 2002, pp. 158-159, in Furtado, 2002).

A concepção de simpatia e antipatia será delineada pelo próprio Ferreira. Para ele, a simpatia pode ser compreendida como “uma certa amizade, conformidade e inclinação, que estabelecem relações harmoniosas entre as coisas, conformando-se,

buscando-se, abraçando-se e amando-se, assim como ocorre na interação entre o ouro e o azougue" ou "entre a pedra de cevar e o ferro" (Ferreira, 2002, p. 382, in Furtado, 2002). Por outro lado, a antipatia é definida como "uma certa inimizade, repugnância, aversão e discórdia, [...]" exemplificada pelas "couves com as purreiras". Galeno apoiava a teoria da simpatia e antipatia, e Ferreira, fortemente influenciado por seus ensinamentos, seguiria sua linha de pensamento (Ferreira, 2002, pp. 382-383, in Furtado, 2002).

CONCLUSÃO

A utilização da analogia na medicina hipocrática representou a transição de uma intuição qualitativa, predominantemente de natureza antropomórfica, para um princípio quantitativo, exemplificado pelo conceito moderno de afinidade química, o que teve implicações relevantes na farmacologia (Garrido, 2019, p. 176). Nesse sentido, é importante entender que a "cura pelos contrários" (*Contraria Contrariis Curentur*), foi consolidada por Galeno e Avicena, e a "cura pelos semelhantes" (*Similia Similibus Curentur*), reavivada por Paracelso e consolidada por Hahnemann (Corrêa; Siqueira-Batista; Quintas, 1997, p. 348).

A análise da história da medicina revela a presença persistente dos conceitos de simpatia e antipatia desde Galeno até os pensadores modernos. Esses princípios orientaram diagnósticos e terapias, enfatizando a interdependência entre as partes do corpo e sua conexão com o todo. Galeno, ao sistematizar essas ideias, construiu um modelo de entendimento que ultrapassou gerações. Seu uso do *consensus partium* reafirmou a unidade vital dos órgãos. Dessa maneira, lançou bases duradouras para interpretações futuras da saúde e da doença (Filho, 2022, p. 85).

A filosofia natural grega, com figuras como Anaxágoras e Empédocles, foi essencial para consolidar a ideia de que forças de afinidade e repulsa governavam a natureza. Essa visão foi transportada para a medicina hipocrática e galênica, onde se reconhecia que o corpo, para manter a saúde, precisava equilibrar tais forças. No contexto médico, simpatia e antipatia não eram apenas abstrações filosóficas, mas fundamentos concretos para práticas terapêuticas. Assim, a medicina antiga enxergava o organismo como um microcosmo ordenado. A interação entre seus elementos era vista como chave para a cura (Kirk-Raven, 1987, p. 512).

Com Paracelso e, posteriormente, Hahnemann, os princípios de tratamento por semelhantes e contrários foram retomados sob novas perspectivas. Paracelso valorizou a natureza das substâncias e seu poder de cura específico, aproximando-se da noção homeopática. Hahnemann, embora mais sistemático, partiu de bases semelhantes para desenvolver a homeopatia moderna. Mesmo evitando citar Paracelso, ele herdou parte de sua ousadia. Ambos, de maneiras distintas, desafiaram o paradigma galênico tradicional (Corrêa; Siqueira-Batista; Quintas, 1997, p. 349).

Por outro lado, a alopatia, especialmente com Galeno e Avicena, consolidou-se como prática dominante durante muitos séculos. A teoria dos contrários orientava o tratamento das doenças com medicamentos ou intervenções de natureza oposta ao sintoma apresentado. Essa abordagem, de inspiração pré-socrática, foi a principal diretriz terapêutica até a Era Moderna. No entanto, o sucesso da alopatia não apagou a prática esporádica de técnicas homeopáticas. A medicina sempre manteve certa flexibilidade diante dos desafios clínicos (Corrêa; Siqueira-Batista; Quintas, 1997, p. 349).

No século XVIII, mesmo com os avanços científicos, o arcabouço conceitual de simpatia e antipatia ainda persistia em diversas práticas médicas. Médicos e cirurgiões como Franz Mesmer e Luís Gomes Ferreira, respectivamente, ilustram essa continuidade, misturando tradições antigas com novas tentativas de explicar o funcionamento do corpo humano. A crença em forças ocultas e virtudes naturais dos objetos sobreviveu nas academias europeias. Assim, a medicina daquela época apresentava uma rica tensão entre tradição e inovação. Essa dualidade moldou profundamente o pensamento médico, algo que alguns séculos depois iriam se quebrar com novas descobertas científicas, culminando na quebra do paradigma hipocrático que perdurou por mais de dois mil anos (Bartholomew, 2022, p. 103; Ferreira, 2002, pp. 382-383, in Furtado, 2002).

Portanto, a história da medicina ocidental mostra que a construção do conhecimento terapêutico foi marcada por continuidades e rupturas. A noção de simpatia e antipatia, conseguiu alcançar sua sobrevida no espaço na ciência moderna, continuando a influenciar o modo de pensar a saúde e a doença. Desde a filosofia natural até as práticas clínicas renascentistas e modernas, esses conceitos permaneceram, com algumas alterações decorrentes do contexto histórico e social de cada sociedade. Ainda hoje, seus ecos podem ser percebidos em práticas médicas alternativas e linguagem popular. A compreensão histórica desses conceitos enriquece nossa visão crítica sobre a medicina atual.

REFERÊNCIAS

BARTHOLOMEW, Bradley Y. *An Explanation of the Powers of Franz Mesmer. Philosophy Study, February* 2022, Vol. 12, No. 2, 93-108. Disponível em <https://www.davidpublisher.com/Public/uploads/Contribute/62159a2b92762.pdf> Acesso em 27 de Fev. 2025.

COELHO, Ronaldo Simões. **O Erário Mineral divertido e curioso: a arte de curar.** In: FURTADO, Júnia Ferreira (org.). Erário Mineral de Luís Gomes Ferreira. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Oswaldo Cruz, 2002.

CORRÊA, A.D.; SIQUEIRA-BATISTA, R.; QUINTAS, L.E.M. *Similia Similibus Curentur*: notação histórica da medicina homeopática. *Rev. Ass Med Brasil* 1997; 43(4): 347-51. Disponível em https://www.scielo.br/j/ramb/a/GhtnYy3bScPkDzMKn6dh4xF/?utm_source=chatgpt.com Acesso em 25 de Abr. 2025.

COSTA, Joice Borges. et al. Arte e medicina. In: **História da medicina: transversalidades e interfaces entre sociedade, cultura e política**. ACCORSI, Giulia Engel. et al. Universidade Federal da Bahia, Editora, EDUFBA, Volume 4. Salvador, 2022.

ESTANY, Anna; IZQUIERDO, Merce. *La evolución del concepto de afinidad analizada desde el modelo de S. Toulmin*, en *Llull*, vol. 13, pp. 349-378, 1990.

FERREIRA, Luís Gomes Ferreira. **Tratado I: da cura das pontadas pleuríticas e suas observações**. In: FURTADO, Júnia Ferreira (org.). Erário Mineral de Luís Gomes Ferreira. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Oswaldo Cruz, 2002.

GARRIDO, Ruy J. Henríquez. *Sobre la polaridade simpatia-antipatía em la interpretación hipocrática de la phýsis humana*. Revista Agora, Vol. 38, nº 2, 2019. Disponível em <https://revistas.usc.gal/index.php/agora/article/view/5614> Acesso em 25 de Fev. 2025.

HIPÓCRATES. *De la nature de la femme*. Trad. E. Littré. Paris: Chez J. B. Bailliére, 1851. In: CARRAT, Caroline. *Et Al. Antigüidade grega e latina desde a idade média. França*. Philippe Remacle , Philippe Renault, François-Dominique Fournier, J.P. Murcia, Thierry Vebr, Caroline Carrat.. O site consiste em 13 partes. Disponível em:<<http://remacle.org/bloodwolf/erudits/Hippocrate/naturefemme.htm>>. Acesso em 27 de Dez. 2022.

HIPÓCRATES. *Sobre los lugares en el hombre*. In: **Tratados hipocráticos VIII**, Madrid, Editorial Gredos, pp. 89-136. 2003.

HOLMES, Brooke. "Proto-sympathy in the *Hippocratic Corpus*", In: JOUANNA, J. & Zink, M. (eds.), *Hippocrate et les hippocratismes: médecine, religion, société*. XIth Colloque International Hippocratique, Paris, Ed. Académie des Inscriptions et Belles-Lettres, pp. 123-138. 2014.

JAEGER, Werner-Wilhelm. *Paideia: los ideales de la cultura griega*, México, Fondo de Cultura Económica, 1990.

KIRK, C.S., Raven, J.E. y Schofield. *Los filósofos presocráticos. Historia crítica con selección de textos*. Madrid, Editorial Gredos, 1987.

KUSUKAWA. Sachiko. **Andreas Vesalius: Anatomy and the World of Books**. Editora: Reaktion Books, 2024.

LAÍN ENTRALGO, Pedro. **La medicina hipocrática**. Madrid, Alianza Editorial, 1982.

LITTRÉ, Émile (ed.). **Oeuvres complètes d'Hippocrate, I-IX**, Paris, 1839-1861, Amsterdam, Ed. Adolf M. Hakkert, 1962.

SIEGEL, Rudolph E. **Galen's system of physiology and medicine. An Analysis of his Doctrines and Observations on Blood Flow, Respiration, Humors and Internal Diseases**, Basel, Switzerland, S. Karger AG. 1968.